

OS CONTOS DE FADAS E A SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Luciene Bertodo de Oliveira
Graduanda em Pedagogia/IF Goiano – Campus Morrinhos
E-mail: lucienebertodo10@gmail.com

Ronaldo Elias Borges
Doutor em Letras e Linguística. Docente do curso de Pedagogia do IF Goiano – Campus Morrinhos. E-mail: ronaldo.borges@ifgoiano.edu.br

RESUMO: Este artigo explora a importância dos contos de fadas na educação infantil, enfatizando seu papel no aprimoramento do crescimento cognitivo, emocional e social das crianças. O objetivo é examinar como essas histórias podem apoiar o desenvolvimento de jovens leitores, promovendo experiências de aprendizagem lúdicas e significativas. Metodologicamente, esta pesquisa adota uma estrutura bibliográfica com uma lente qualitativa, com base nas obras de autores como Abramovich (2006), Cademartori (1986) e Bettelheim (2013). A discussão começa com um exame do conceito de literatura infantil, seguido por uma visão geral histórica do surgimento e disseminação dos contos de fadas na Europa e no Brasil. Por fim, o estudo investiga as práticas de ensino e a incorporação desses contos em ambientes de sala de aula, destacando sua capacidade de enriquecer o cenário educacional e ampliar o conhecimento cultural das crianças. A conclusão afirma que os contos de fadas não apenas instigam a imaginação, mas também encorajam reflexões sobre valores e emoções, estabelecendo-os como um recurso pedagógico precioso para o desenvolvimento infantil.

Palavras-chaves: Literatura infantil. Leitura. Formação de leitores. Contos de fadas.

ABSTRACT: This article explores the importance of fairy tales in early childhood education, emphasizing their role in enhancing children's cognitive, emotional, and social growth. The aim is to examine how these stories can support the development of young readers by promoting playful and meaningful learning experiences. Methodologically, this research adopts a bibliographical framework with a qualitative lens, based on the works of authors such as Abramovich (2006), Cademartori (1986), and Bettelheim (2013). The discussion begins with an examination of the concept of children's literature, followed by a historical overview of the emergence and dissemination of fairy tales in Europe and Brazil. Finally, the study investigates teaching practices and the incorporation of these tales in classroom settings, highlighting their ability to enrich the educational setting and expand children's cultural knowledge. The conclusion states that fairy tales not only instigate imagination, but also encourage reflections on values and emotions, establishing them as a valuable pedagogical resource for child development.

Keywords: Children's literature. Reading. Reading training. Fairy tale.

INTRODUÇÃO

Desde o nascimento, começamos a interagir com o ambiente ao nosso redor e buscamos constantemente compreender o mundo. Essa compreensão ocorre por meio dos nossos sentidos, essenciais para o processo de percepção. A visão, por exemplo, nos permite identificar cores, formas e contornos, sendo uma das principais ferramentas para a leitura do mundo (Vygotsky, 1987).

De maneira semelhante, o olfato nos alerta sobre perigos, o tato distingue temperaturas, a audição identifica sons e o paladar avalia sabores. Todas essas percepções representam formas iniciais de leitura do ambiente. Além delas, a leitura de signos não verbais, como semáforos, placas, desenhos e expressões faciais, também faz parte desse processo natural de interpretação da realidade (Bambergerd, 2000).

Quando a criança chega à escola, ela já possui uma bagagem significativa de leitura de signos não verbais. No entanto, para exercer plenamente suas funções sociais, é fundamental que ela desenvolva a leitura de signos verbais, iniciando o processo de alfabetização e letramento. Conforme Solé (1998), a leitura é um ato de interação entre o leitor, o texto e o autor, exigindo operações cognitivas complexas para a construção de sentido. Esse processo envolve habilidades que se desenvolvem em fases: logográfica, alfabética e ortográfica (Frith, 1985). Nem todas as crianças, porém, seguem esse percurso linear, sendo que fatores como dificuldades de aprendizado, dislexia ou problemas sensoriais podem influenciar o ritmo da alfabetização (Santos e Navas, 2002).

A literatura desempenha um papel crucial nesse contexto, promovendo o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Segundo Abramovich (1997), a leitura literária estimula a imaginação e auxilia na construção de significados, além de preparar a criança para situações cotidianas. Entre os diversos gêneros literários, os contos de fadas ocupam um lugar de destaque. Com origem na Europa há séculos, essas histórias atravessaram gerações e se consolidaram como parte do imaginário cultural infantil (Cademartori, 1986). Seu apelo reside na linguagem simbólica e atemporal, que desperta emoções como medo, alegria, compaixão e esperança (Bettelheim, 2013).

Os contos de fadas exercem fascínio imediato nas crianças, reconhecíveis pela clássica introdução "Era uma vez", que as transporta para um universo de fantasia e brincadeira. Essa característica torna o gênero uma ferramenta valiosa para o professor da educação infantil, que tem como objetivo promover o desenvolvimento cognitivo, social e psicomotor, além de estimular

a autonomia dos alunos (Merege, 2010). Assim, cabe ao educador selecionar obras adequadas para a faixa etária e explorar seu potencial pedagógico.

No contexto da educação infantil, onde o desenvolvimento integral da criança é prioridade, os contos de fadas se destacam como importantes aliados no processo de aprendizagem. Mais do que simples histórias para entreter, essas narrativas carregam em si um potencial significativo para o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças. Por meio de cenários mágicos e desafios a serem superados, os contos permitem que os pequenos explorem sentimentos complexos, como medo, coragem e esperança, ao mesmo tempo em que estimulam a imaginação e o raciocínio (Yunes, 1995).

Este trabalho busca investigar como os contos de fadas podem contribuir para a formação das crianças, tanto no aspecto emocional quanto no intelectual. Baseando-se em autores como Abramovich (1997), Bettelheim (2013), Corso (2006), Lajolo e Zilberman (1996) e Merege (2010).

No primeiro capítulo, discutiremos a literatura infantil, sua definição, origem e desenvolvimento no Brasil. No segundo capítulo, discorreremos sobre o conceito de contos de fadas, a origem e o desenvolvimento desse gênero literário e um breve olhar sobre os aspectos psicanalíticos que envolvem essas obras e sua relevância para o desenvolvimento infantil.

Por fim, no terceiro capítulo, analisaremos o uso dos contos de fadas na educação infantil. Para isso, analisaremos a formação docente para o uso de contos de fadas em sala de aula e alguns aspectos do trabalho com contos de fadas em sala de aula.

Esse percurso investigativo busca evidenciar como os contos de fadas, além de estimularem a imaginação, promovem o desenvolvimento integral das crianças e fortalecem sua jornada como leitoras em formação.

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil ocupa um lugar fundamental no desenvolvimento integral da criança. Ela contribui para a ampliação do vocabulário, estimula a imaginação e permite que os pequenos vivenciem emoções essenciais à construção de sua identidade emocional e cultural. Segundo Lajolo e Zilberman (1996), esse gênero literário se consolida ao longo da história como uma forma de diálogo direto com o universo infantil, moldando-se para atender às necessidades e aos interesses das crianças em diferentes épocas. Além de seu valor afetivo e formativo, a literatura

tornou-se uma ferramenta didático-pedagógica indispensável, promovendo a conexão entre o aprendizado e o encantamento das histórias.

O conceito de literatura infantil tem sido amplamente debatido entre pesquisadores da área. Enquanto alguns estudiosos, como Coelho (2000), questionam sua autonomia como gênero literário, defendendo que a literatura deve ser compreendida como uma expressão universal, independentemente da idade do leitor, outros, como Lajolo e Zilberman (1996), argumentam que a literatura infantil possui características próprias, que vão além do público-alvo.

Elas destacam elementos essenciais desse gênero, como a linguagem acessível, narrativas envolventes e a capacidade de despertar tanto o encantamento quanto o aprendizado. Assim, a literatura infantil não deve ser vista como uma versão simplificada da literatura adulta, mas como uma produção cultural autônoma, que valoriza o imaginário infantil e promove o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança.

A literatura infantil se consolidou primeiramente na Europa ao longo do século XVIII, passando por transformações significativas até ser introduzida no Brasil de forma mais tardia. Com o tempo, as histórias, antes externas para o público adulto, foram sendo adaptadas para o público infantil, enriquecendo o imaginário e contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças (Richter, 1993).

De acordo com os autores, naquela época, as histórias eram transmitidas por pessoas mais experientes, que compartilhavam suas vivências pessoais. Essas narrativas foram passadas de geração em geração, com o intuito de transmitir significados importantes para as crianças. À medida que as pessoas vivenciavam essas histórias, elas se recontavam para seus filhos e netos, perpetuando assim as experiências da infância para as novas gerações.

A literatura infantil europeia teve origem com uma função predominantemente educativa e moralizante. Obras como as *Fábulas de Esopo* e os contos recontados por Charles Perrault, no século XVII, exemplificam essa tendência ao transmitir lições sobre virtudes e comportamentos aceitos pela sociedade da época (Hunt, 2010). No entanto, a partir do século XIX, a literatura para crianças passou por uma transformação significativa. Autores como os irmãos Grimm e Hans Christian Andersen introduziram histórias permeadas por elementos fantásticos e emocionais, tornando a leitura mais envolvente. Essas narrativas mantinham a essência moral, mas passaram a priorizar o encantamento e a conexão afetiva com o leitor infantil, favorecendo o prazer da leitura (Bettelheim, 2013).

Esse desenvolvimento literário, no entanto, também reflete as desigualdades sociais da época. As crianças da nobreza tinham acesso aos grandes clássicos literários, enquanto as crianças

de classes menos favorecidas conheciam histórias apenas por meio da tradição oral, com narrativas de aventuras e cavalaria transmitidas por contadores de histórias.

No contexto brasileiro, a literatura infantil recebeu forte influência da tradição europeia. Segundo Cunha, durante o período colonial, as narrativas portuguesas foram adaptadas para o público local, com destaque para Monteiro Lobato, pioneiro na criação de obras específicas para as crianças. Denise Escarpit (1981) reforça essa perspectiva ao afirmar que a literatura infantil, enquanto gênero estabelecido, começa a ganhar forma no século XVII. Ela aponta como marco inicial a obra *Orbis Sensualium Pictus* (1658), de Comenius, desenvolvida para ensinar latim por meio de ilustrações, antecipando o conceito de livro didático ilustrado.

Escarpit (1981) também reforça a importância das manifestações culturais orais, como adivinhas, rimas e jogos de palavras, na formação da literatura infantil. No entanto, ela ressalta que esses elementos só adquiriram status literário quando foram incorporados em livros voltados diretamente para o público infantil, com uma proposta didática e moralizadora.

A literatura infantil chegou a nosso país por meio de traduções europeias de romances de aventura como *Ivanhoé*, Sir Walter Scott ou de *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. Essas foram as primeiras obras em que apareciam personagens infantis e que acabaram introduzindo uma literatura voltada para o universo mágico infantil. A seguir, tivemos os primeiros textos nacionais seguindo essa temática. Contudo, tais obras preocuparam-se em demasia com a questão didática, ou seja, eram escritos no intuito de transmitir valores morais e comportamentos adequados às crianças. Seguindo a eles, surgiram textos voltados para a educação cívica dos pequenos brasileiros e o aspecto lúdico e artístico foi substituído por algum tempo por preocupações formativas.

Somente entre o final do século XIX e o início do século XX, impulsionada por mudanças no cenário educacional e pela crescente valorização da infância foi que a literatura infantil sofreu mudanças em relação à qualidade artística e deixou de se tornar um instrumento notadamente moralizante.

Monteiro Lobato emergiu como figura central nessa mudança, revolucionando o gênero infantil ao romper com a tradição moralista predominante. Suas obras apresentaram personagens carismáticos e histórias repletas de humor, aventura e reflexão, convidando as crianças a participarem do enredo. Mais do que entreter, Lobato estimulou o pensamento crítico e alimentou a imaginação, marcando um novo caminho para a literatura infantil brasileira (Lajolo; Zilberman, 1996).

Ao longo do século XX, novos autores consolidaram a diversidade e a riqueza do gênero no Brasil. Nomes como Ruth Rocha, Ana Maria Machado e Ziraldo trouxeram à tona questões

sociais, emocionais e culturais de forma acessível e envolvente. Suas obras expandiram a função da literatura infantil, transformando-a não apenas em um recurso pedagógico, mas em uma expressão artística que dá voz à sensibilidade e à capacidade crítica das crianças.

No século XXI, a despeito dos avanços tecnológicos e da dependência às telas que predomina no cenário infantil em geral, novas mudanças ocorreram e a contemporaneidade passou a fazer parte dos textos infantis. Nesse sentido, temáticas importantes como questões étnico-raciais, questões de gênero, inclusão de pessoas com deficiência, educação sexual, educação religiosa e outras mais tomaram conta do mercado editorial e, conseqüentemente, das livrarias que passaram a reservar espaços específicos para esse público consumidor. Apesar disso, os clássicos sobrevivem ao tempo e não saem do gosto infantil por seu aspecto mágico, lúdico e encantador e continuam presentes em lares e salas de aula do Brasil.

Assim, esse gênero de origens europeias e que veio para nosso país há poucos séculos desenvolveu-se ao ponto de hoje se tornar um instrumento fundamental no âmbito da educação infantil. Por isso, vejamos a seguir as contribuições dessa literatura para a formação de crianças da primeira etapa de ensino regular.

AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

De uma perspectiva emocional e afetiva, a literatura infantil serve como uma superfície reflexiva, permitindo que os jovens leitores reconheçam seus próprios sentimentos e emoções. As histórias literárias frequentemente exploram temas como amizade, medo, solidão, amor e superação de desafios, que são relevantes para as experiências cotidianas das crianças. Ao se conectar com os personagens e suas narrativas, as crianças podem contemplar suas próprias emoções, aumentando sua empatia e capacidade de navegar pelos obstáculos da vida. Essa identificação com os personagens é essencial, pois fornece às crianças a oportunidade de encontrar cenários que, de outra forma, não enfrentariam diretamente. Conseqüentemente, isso enriquece sua compreensão dos outros e de vários comportamentos humanos (Coutinho, 1978).

Além disso, a literatura para crianças serve como um recurso significativo para promover o crescimento da linguagem. À medida que se envolvem com narrativas e personagens diversas, as crianças são motivadas a aprimorar seu vocabulário, refinar suas habilidades de comunicação e cultivar um conjunto de habilidades linguísticas mais avançadas. O envolvimento com obras literárias permite que as crianças compreendam as complexidades da linguagem, incluindo a formação de frases básicas e a interpretação de metáforas e dispositivos retóricos mais elaborados. Essa ampliação do conhecimento linguístico, por sua vez, auxilia no desenvolvimento de

habilidades de pensamento crítico que as crianças podem utilizar ao longo de suas vidas, tanto em ambientes educacionais quanto em seus ambientes sociais mais amplos (Luiz, 2015).

Uma função significativa da literatura infantil é sua contribuição para o crescimento da imaginação e da criatividade. Ao introduzir personagens extraordinários e reinos fantásticos que se distanciam da realidade imediata e tangível, a literatura infantil permite que os jovens leitores se aventurem em dimensões que estão além de suas experiências diárias. Esse elemento de criação de mundos imaginários nutre a criatividade, capacitando as crianças a ampliar seu pensamento e ações. Conseqüentemente, inspirar a imaginação não apenas aumenta a alegria de inventar histórias e universos pessoais, mas também ajuda a abordar desafios com soluções inovadoras e criativas (Cunha, 1987).

Igualmente significativo é o papel da literatura infantil como uma plataforma para socialização e transmissão de valores. Dentro dessas narrativas, os jovens leitores são encorajados a contemplar dilemas éticos e morais, incluindo temas de justiça, amizade, respeito pelos outros e a importância da honestidade. Embora muitas histórias sejam cativantes e cheias de elementos fantásticos, elas frequentemente oferecem lições cruciais essenciais para desenvolver um caráter ético e promover uma sociedade mais compassiva e equitativa. Esses valores, transmitidos de forma lúdica e indireta, deixam uma influência duradoura no crescimento de uma criança, auxiliando-a a internalizar comportamentos e atitudes que guiarão suas interações em ambientes sociais (Lima, 2007).

Outro aspecto relevante da literatura infantil diz respeito a sua capacidade de conectar gerações de leitores. Por meio de contos e narrativas atemporais, as crianças ganham acesso a uma herança cultural que transcende os limites do presente. Ricas em folclore, mitos e tradições, essas histórias aproximam as crianças de um legado cultural vibrante, permitindo que elas se envolvam com sua história e obtenham uma compreensão mais profunda de seu papel no mundo. Assim, a literatura não serve apenas a um propósito educacional, mas também promove um sentimento de continuidade e pertencimento, aumentando a consciência das histórias pessoais e coletivas (Coutinho, 1978).

De acordo com Coelho (1986), a literatura infantil desempenha um papel essencial no desenvolvimento da imaginação da criança, proporcionando-lhe a oportunidade de explorar novas dimensões da realidade e da fantasia. A autora enfatiza que a ficção literária vai além do simples entretenimento, pois amplia o olhar do jovem leitor sobre o mundo, favorecendo o exercício da criatividade e estimulando uma leitura prazerosa, rica em significados.

A literatura é arte, é um ato criativo que, por meio da palavra, cria um universo autônomo, realista ou fantástico, onde os seres, coisas, fatos, tempo e espaço, mesmo que se

assemelhem ao que podemos reconhecer no mundo concreto que nos cerca, ali transformado em linguagem, assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo da ficção (Coelho, 1986, p. 2).

A literatura, enquanto expressão de ficção, tem o poder de estimular a imaginação do leitor, proporcionando-lhe um olhar renovador sobre a realidade. Ao isso, ela permite que o pensamento da criança se expanda além da simples leitura de um conto de fadas, estimulando sua criatividade e tornando esse tipo de leitura algo profundamente prazeroso (Basso, 2009).

Segundo Cunha (1987), no início da literatura infantil no Brasil houve uma adaptação dos clássicos de aventuras europeus de tradução portuguesa até que surgisse Monteiro Lobato que iria se tornar o divisor de águas desse gênero em nosso país.

...] no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias” (p. 20). Pode-se dizer que a literatura infantil brasileira teve início com Monteiro Lobato, com uma literatura centralizada em algumas personagens em especial (Cunha 1987, p. 137).

Zilberman (1994) complementa essa visão ao afirmar que a literatura, mesmo fundamentada em elementos fictícios, expande a compreensão da criança sobre a realidade. A autora ressalta que o contato com a ficção oferece ao leitor a oportunidade de refletir sobre seu cotidiano a partir de uma nova perspectiva, promovendo uma maior percepção de si e do mundo ao seu redor.

A literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor (Zilberman, 1994, p.22).

A autora relata que a literatura é abordada por meio de recursos de ficção, ou seja, uma criação imaginária ou fantasia. Que para todos os fins diz respeito relativamente no cotidiano do leitor, que há esse contato estabelecido nesse cenário, portanto favorece melhor percepção do leitor diretamente com a realidade voltada ao seu mundo.

Segundo Machado (2009) a literatura infantil leva muito além da imaginação.

A literatura é um possível caminho para a criança desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. Para contar a história é preciso saber como se faz, e através das histórias as crianças aprendem nomes, sons, músicas e se inserem na cultura. Quem conta histórias precisa criar um clima de envolvimento; e o objetivo desse trabalho é mostrar a importância da literatura infantil e também a importância das pessoas que contam as histórias na educação infantil; e acima de tudo incentivam as descobertas através dos livros (Machado, 2009, p.10).

Além disso, Machado (2009) enfatiza que a literatura infantil vai além da imaginação, permitindo à criança desenvolver pensamentos próprios e construir imagens mentais ricas durante a leitura. O contador de histórias, nesse contexto, desempenha um papel essencial ao dar vida à narrativa, expressando sentimentos e possibilitando que a criança mergulhe profundamente no enredo, fortalecendo sua capacidade de imaginar e criar.

A literatura surge na Europa, conforme Barros (2013, p. 17), para transmitir valores humanísticos.

A Literatura Infantil surge com caráter pedagógico, ao transmitir valores e normas da sociedade com a finalidade de instruir e de formar o caráter da criança uma formação humanística, cívica, espiritual, ética e intelectual. Encontra-se essa postura com objetivos didáticos, ainda hoje, a fim de transmitir ensinamentos de acordo com a visão do adulto, empregada dessa forma ofusca a capacidade de fornecer condições de o sujeito ter uma percepção autônoma e crítica perante a vida.

Nesse contexto, a literatura passou a desenvolver o papel de uma construção gradual de ensinamentos, funcionando como uma ponte entre a narrativa e o desenvolvimento cultural do leitor. A criança, inserida em sua sociedade, começa a fazer parte de uma cultura que se molda por meio das histórias que ouve e lê, despertando uma curiosidade constante por novas experiências e saberes (Huizinga, 1988).

A literatura infantil, portanto, vai além da fantasia; ela oferece ao pequeno leitor a oportunidade de vivenciar diferentes experiências humanas por meio da representação do mundo. Conforme Bragatto Filho (1995), a literatura abre um leque de possibilidades, permitindo que a criança aprenda, reflita, questione, investigue, imagine, se emocione, se divirta, amadureça e desenvolva sua sensibilidade estética e sua expressão linguística. Além disso, ela adquire cultura e amplia sua visão de mundo, aspectos essenciais para seu desenvolvimento integral.

Assim, ao se conectar com a literatura, a criança aprimora sua capacidade de criar e imaginar, articulando elementos da fantasia com a sua própria realidade. Esse processo, além de expandir seu repertório cultural, incentiva a criação de narrativas pessoais, promovendo o desenvolvimento de sua identidade e a ampliação de sua compreensão sobre o mundo (Basso, 2009).

A literatura infantil reflete claramente o período das revoluções e da industrialização, pois acompanha o desenvolvimento da sociedade nesse contexto. Nesse processo, a literatura infantil se transformou em uma mercadoria. As histórias surgiram a ser constantemente aprimoradas, tanto em termos de ilustrações quanto de linguagem, favorecendo o surgimento de novos gêneros literários que se adaptaram à realidade da era industrial. Nos documentos escolares, o papel das obras literárias passou a ser avaliado se a linguagem utilizada era adequada para as crianças em

idade escolar, auxiliando no processo educacional e promovendo melhorias no ensino (Guimarães, 2016).

Para resumir, a literatura infantil desempenha um papel crucial na formação de indivíduos ao fomentar a imaginação, encorajar a reflexão sobre valores e aprimorar o desenvolvimento da linguagem. Quando abordada de forma pensada e proposital dentro do ambiente educacional, ela auxilia na construção de uma compreensão mais abrangente e holística, ajudando a cultivar cidadãos que são mais críticos, criativos e sintonizados com os desafios e complexidades do mundo de hoje.

3 OS CONTOS DE FADAS COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Os contos de fadas são uma evolução dos contos populares, que surgiram ao longo do tempo, baseados em tradições e mitos. Na Idade Média, esses contos eram narrados oralmente para entreter os camponeses e transmitir valores culturais. Originalmente, as histórias de contos de fadas eram marcadas por grandes obstáculos que os personagens precisavam superar. Durante sua jornada, eles enfrentaram medos, perigos e desafios, mas sempre alcançaram uma resolução positiva e um “final feliz” (Oliveira, 2010).

Os contos de fadas, presentes desde a antiguidade, têm sido transmitidos de geração em geração, mantendo-se vivos até os dias atuais. Originalmente, essas narrativas eram direcionadas ao público adulto, abordando temas densos como a morte, vingança e questões existenciais. Com o tempo, esses relatos foram adaptados para a infância, agregando personagens encantadores como princesas, príncipes e criaturas mágicas, o que torna o conteúdo mais acessível e envolvente para o imaginário infantil (Marafigo, 2012).

O conto de fadas, embora tenha se popularizado na França com Perrault, possui raízes mais antigas, associadas à tradição celta, datada do século II a.C. Com o tempo, essas histórias foram sendo moldadas e, hoje, são reconhecidas como clássicas da literatura infantil (Guimarães, 2016).

De acordo com Schneider e Torossian (2009)

Os contos de fadas fazem parte de uma modalidade literária que tem origem certa, criados por volta do século II a.C, no qual as mulheres mais velhas contavam as suas histórias, essas histórias caracterizavam por uma simbologia especial na educação das crianças (Schneider; Torossian, 2009, p. 26).

Os contos de fadas, como os que conhecemos atualmente, tiveram sua origem na França, no final do século XVII, com Charles Perrault. Ele adaptou narrativas folclóricas populares entre os camponeses, suavizando passagens de teor violento e obsceno, como o incesto e o canibalismo,

para torná-las mais desiguais aos padrões sociais da época. Antes de adquirirem um caráter pedagógico, essas histórias eram destinadas ao público adulto, fornecidas tanto para o entretenimento quanto para a reflexão. É interessante observar que a mitologia grega já possuía versões rudimentares de histórias como a de "Chapeuzinho Vermelho", que mais tarde foram reformuladas por Perrault, agora com uma moral explícita, e, posteriormente, também reinterpretadas por Hans Christian Andersen e pelos Irmãos Grimm (Oliveira, 2010).

Perrault, além de poeta e escritor, foi o responsável por consolidar esse estilo narrativo como um gênero literário, o que lhe conferiu o título de "pai da literatura infantil". As histórias, inicialmente transmitidas oralmente por pessoas mais velhas, que compartilharam suas experiências e vivências, foram perpetuadas de geração em geração, mantendo vivos os ensinamentos e valores presentes nessas narrativas (Oliveira, 2010).

Dada essa tradição secular de transmitir histórias recheadas de encanto, magia e principalmente de ensinamentos valiosos em relação à vida humana, os contos de fadas revelaram-se como um recurso valioso na educação humana, principalmente infantil.

Eles se mostraram aptos, como poucos outros gêneros literários infantis, a auxiliar que a criança compreender melhor o mundo que a cerca e preparar-se para enfrentar os desafios naturais da vida. Além disso, estimulam a imaginação e a criatividade infantis. Utilizando esses elementos de maneira artística, os contos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento dessas habilidades. Segundo Sosa (1982), a imaginação é a "faculdade soberana", a forma mais elevada de desenvolvimento intelectual. Isso ressalta a importância do trabalho pedagógico com os contos de fadas, que não apenas promovem a criatividade, mas também ajudam na compreensão de conceitos essenciais (Marafigo, 2012).

Uma reflexão relevante sobre os contos de fadas é que, muitas vezes, eles se baseiam na realidade vívida dos seres humanos, refletindo os obstáculos que uma criança poderá enfrentar ao longo de sua vida. As narrativas apresentam uma divisão clara entre o bem e o mal, muitas vezes personificadas por figuras como bruxas, monstros, fadas e príncipes. Esses contos atraem tanto o público infantil quanto o adulto, pois transmitem valores e costumes que auxiliam na formação do caráter. Além disso, os contos infantis despertam emoções e sentimentos nos leitores, permitindo que as crianças se identifiquem com os problemas enfrentados pelos personagens. Esse processo de identificação possibilita uma reflexão profunda sobre as situações narradas e contribui para o desenvolvimento da empatia (Guimarães, 2016).

Essa importância do trabalho com a literatura infantil também está presente no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), haja vista que o mesmo é de extrema

relevância para o desenvolvimento do aluno e o professor deve ser o seu grande incentivador, como se pode perceber a partir do RCNEI, volume 3 que:

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida (Brasil, 1998, p. 143).

Assim, os contos de fadas se apresentam como um recurso importante para que a criança compreenda a estrutura dos textos, ao mesmo tempo em que estimula sua imaginação e criatividade, já que esses contos utilizam esses elementos de forma rica em seus enredos. No que diz respeito à importância desse trabalho em sala de aula, que explora a imaginação e a criatividade, Sosa (1982) destaca a imaginação como a "faculdade soberana" e a forma mais elevada de desenvolvimento intelectual.

Nesse contexto, o papel do docente com a literatura infantil é fundamental. Ao trabalhar com livros literários, o professor proporciona aos alunos o contato com diferentes universos, o que facilita a construção de novos saberes. O livro, assim, se torna uma ferramenta essencial para o aprendizado, abrindo portas para o conhecimento por meio de imagens, vocabulário e contextos variados. A leitura dos contos de fadas oferece ao leitor a oportunidade de explorar mundos diferentes e viajar para lugares diversos, transformando a leitura em algo mais do que um simples ato de decodificação de palavras (Marafigo, 2012).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável a força e a importância dos textos literários infantis em relação à formação das crianças em fase de aprendizagem formal nas escolas. Graças ao desenvolvimento desse gênero textual, ele está presente em lares e escolas e essas histórias têm sido transmitidas oralmente de geração em geração. Com o tempo, o que começou como relatos simples transformou-se em uma forma sofisticada de arte e expressão, abrangendo desde poesias, parlendas, cantigas de rodas até romances e textos teatrais voltados para o universo infantil. A literatura expandiu e se adaptou às mudanças da sociedade e dos tempos, refletindo as necessidades e os desejos dos leitores. Atualmente, cumpre múltiplas funções, como entreter, educar, refletir, incluir pessoas antes segregadas, promovendo conexões entre os indivíduos e formação cidadã.

No entanto, as escolas têm ainda muito o que avançar em relação ao uso de textos literários infantis nesses espaços formativos. É fundamental que sejam desenvolvidas mais atividades de

leitura, releitura, dramatizações, escritas e tantas outras capazes de proporcionar aos alunos um crescimento mais consciente e cidadão, incentivando uma maior interação entre os alunos e a comunidade que os cerca e também facilitar processos de aprendizagem de conteúdos curriculares. Ao instigar a curiosidade e promover a participação ativa no aprendizado, as escolas contribuirão para o desenvolvimento de habilidades necessárias a esses futuros cidadãos e cidadãs em nossa sociedade.

Há muito se abandonou a ideia simplista de que a função da escola se resume à transmissão de conhecimentos curriculares. Esse ambiente tem vários papéis importantes, dentre eles o de formar leitores críticos, capazes de interpretar o mundo ao seu redor. A habilidade de ler e escrever de forma eficaz é essencial para o desenvolvimento de competências acadêmicas e sociais, permitindo que as crianças superem barreiras culturais, financeiras e sociais. Essa competência é vital para garantir que o aprendizado se torne significativo e sustentável ao longo da vida.

Apesar de avanços metodológicos, é fato que a utilização da literatura infantil em sala de aula ainda enfrenta sérios desafios, principalmente no que diz respeito à formação do hábito da leitura. A concorrência com as redes sociais, com aplicativos e jogos online e mesmo a ausência de uma rotina diária de leitura resultam na perda do encanto pelo ato de ler, transformando-o em uma atividade enfadonha. Para que a leitura permaneça interessante e prazerosa, é crucial que seja incentivada de maneira contínua e consistente, o que contribuirá para a formação de um hábito duradouro e um maior apreço por essa prática.

As narrativas – sejam contos de fadas, fábulas ou outras histórias encantadas – desempenham um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional das crianças. Elas promovem a reflexão, estimulam a imaginação e auxiliam na compreensão do mundo ao redor. A intersecção entre realidade e fantasia, razão e imaginação, favorece o desenvolvimento integral da criança, proporcionando-lhe uma melhor compreensão de si mesma e do ambiente em que vive. Portanto, esses dois universos devem se complementar, apoiando o crescimento da criança de forma equilibrada.

Aqueles que convivem com crianças sabem o quanto elas se encantam ao ouvir repetidamente as mesmas histórias. Essa repetição oferece prazer ao reconhecer detalhes, esperar pela continuidade da narrativa e reviver emoções vividas anteriormente. Esse fascínio é resultado da vivência de sentimentos e emoções transmitidos pelos personagens, que muitas vezes retratam situações cotidianas e interações humanas com as quais as crianças se identificam facilmente. Além disso, as histórias ampliam o conhecimento, ao apresentar diferentes formas de pensar, agir e existir, permitindo que as crianças explorem novas perspectivas.

Diante de tudo isso, resta-nos destacar o quanto a leitura de textos literários infantis desempenha esse papel fundamental no e para o desenvolvimento infantil e deve ser incentivada desde os primeiros anos de vida, independentemente de a criança já ter sido alfabetizada ou não. A literatura infantil é uma atividade prazerosa, que desperta a curiosidade das crianças e estimula sua imaginação. Assim, contribui para o desenvolvimento intelectual, o reconhecimento das dificuldades e para a busca por soluções para problemas internos. Os contos de fadas são ferramentas valiosas nesse processo de desenvolvimento integral da criança, uma vez que preparam esses seres humanos para enfrentar as adversidades naturais da vida, mostrando que é possível sobreviver e até ser feliz, mesmo após um luto, um abandono ou uma situação difícil e duradoura. Por meio de personagens cativantes e enredos simples, essas histórias facilitam a identificação das crianças com os personagens e suas histórias, promovendo, assim, o crescimento emocional e cognitivo. Por tudo isso, o lugar dos contos de fadas nas salas de aula brasileiras e mundiais está e estará garantido por muito tempo, uma vez que tematizam temáticas universais e mostram-se eficazes para a formação integral dos seres humanos.

REFERÊNCIAS

- BAMBERGERD, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 2000.
- BASSO, Cíntia Maria. **A literatura infantil nos primeiros anos escolares e a pedagogia de projetos**. Santa Maria: UFSM, 2009. Disponível em: http://coral.ufsm.br/lec/02_01/CintiaLC6.htm. Acesso em: 25/10/2024.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**/ Ministério da Educação e Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Trad. Arlene Caetano. 28. reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela Leitura Literária na Escola de 1º Grau**. São Paulo: Ática S.A, 1995.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia. **Parecer CNE/CP Nº: 3/2006**, aprovado em 21 de fevereiro de 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp003_06.pdf. Acesso em: 29 de set. de 2013.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Quíron, 1986, p. 29-31.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- CORSO, Diana Lichtenstein; Mario Corso. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. p. 9-10.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes Cunha. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1987.
- ESCARPIT, Denise. **La literatura infantil y juvenil en Europa**. Trad. Diana Flores, México, Fondo de Cultura Económica, 1981.
- GUIMARÃES, Carina Ana I; D'AVILA, Carina Basso; SILVA, Estela Maris B. Era uma vez... fantasiando e aprendendo com os clássicos infantis. **Anais do XVI Congresso Internacional de Educação Popular**. Santa Maria – RS: Instituto Federal Farroupilha, 2016.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Ática, 1988.
- LIMA, Vanda Moreira Machado. **Formação do professor polivalente e saberes docentes: um estudo a partir de escolas públicas**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2007.

LUIZ, Fernando Teixeira. A história do ensino de literatura infantil no Brasil: um estudo sobre a trajetória da obra de Monteiro Lobato na escola. In: **Nuances**: estudos sobre educação. – ano XI, v. 12, n. 13. jan./dez. 2015. p. 21-31.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARAFIGO, Elisangela Carboni. **A importância da literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores** (TCC de Pós-Graduação em Educação) Paranaíba – PR: Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba, 2012.

MEREGE, Ana Lúcia. **Os contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno.** São Paulo: Claridade, 2010.

OLIVEIRA, Patrícia Sueli T. **A contribuição dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças.** (Monografia de Graduação em Pedagogia). Salvador: Universidade Estadual da Bahia, 2010.

RICHTER, Dieter; MERKEL, Johannes. A função da fantasia dos contos de fada na educação burguesa. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 28, nº3, setembro, 1993. p. 113-130.

SCHNEIDER, R. E. F.; TOROSSIAN, S. D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 12, p. 132 – 148, ago. 2009.

SOSA, Julie. **A literatura infantil.** Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 1982.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Letras**, Curitiba, n. 44, 1995, Editora da UFPR. p. 185-196.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 9. ed. São Paulo: Global, 1994.